



Câmara Municipal da Lapa
Estado do Paraná

CÂMARA MUNICIPAL
LAPA - PR
FLS. Nº 01

PROJETO DE LEI Nº 57/91.

Súmula: Dá a denominação de "Rua Luciano Lacerda a atual rua "Z", do loteamento Jardim Montreal.

A Câmara Municipal da Lapa, Estado do Paraná, A P R O V A:

Art. 1º - Fica denominada de "RUA LUCIANO LACERDA" a atual rua "Z" da planta do Jardim Montreal desta Cidade.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Edifício da Câmara Municipal da Lapa, em 26 de novembro de 1.991.

Osvaldo B. Camargo
OSVALDO BENEDITO CAMARGO
Presidente

Manoel F. Moreira Vidal
MANOEL F. MOREIRA VIDAL
1º Secretário





Câmara Municipal da Lapa
Estado do Paraná

CÂMARA MUNICIPAL
LAPA - PR
FLS. Nº 02

Senhor Presidente

O Vereador que o presente subscreve, no uso de suas atribuições regimentais, apresenta à consideração do Plenário o seguinte:

ANTE-PROJETO DE LEI Nº 15/91

Sumula: Dá a denominação de Rua Luciano Lacerda a atual rua "Z", do loteamento Jardim Montreal.

Art. 1º - Fica denominada de Rua "LUCIANO LACERDA" a atual rua "Z" da planta Jardim Montreal desta Cidade.

Art. 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Câmara Municipal da Lapa, em 11 de novembro de 1991

CÂMARA MUNICIPAL
LAPA - PR.

PROTOCOLO n.º 380/91

DATA 11/11/91

CESAR AUGUSTO LEONI
Vereador



Câmara Municipal da Lapa
Estado do Paraná

CÂMARA MUNICIPAL
LAPA - PR
FLS. Nº 13
[Signature]

JUSTIFICATIVA:

Inúmeras são as Vias públicas de nossa cidade que não possuem ainda denominação, cabendo a este Poder a oficialização dos nomes das mesmas.

Com o presente projeto, queremos homenagear o industrial, o pai de família extremoso, o cidadão lapeano que ocupou uma das cadeiras de Vereador nesta Casa, que foi nosso Delegado de Polícia e Presidente da Junta Comercial do Paraná, além de inúmeras outras funções, sempre desempenhadas com proeficiência, humanismo e alto espírito público.

Entendemos ser nada melhor para justificar nossa proposição, a crônica sobre a pessoa de Luciano Lacerda, de lavra de seu ilustre irmão Dr. Francisco Brito de Lacerda, a qual fazemos parte integrante desta justificativa.

Câmara Municipal, em 11 de novembro de 1991.

CESAR AUGUSTO LEONI
Vereador

LUCIANO LACERDA

Oitavo filho de José Lacerda e Cecília Brito de Lacerda, nascido em 29 de agosto de 1920, na velha mansão que fora construída por seus bisavôs, Luciano teve uma infância feliz, decorrente do alegre e equilibrado ambiente em que se criara. José Lacerda, seu pai, era proprietário do Engenho Sto. Antônio, na Lapa, onde se beneficiava erva-mate destinada aos países do Prata. A prosperidade da família, embora permitisse a seus componentes uma vida confortável, nada tinha de ostentatória. Frequentando a mesma igreja, o mesmo colégio e o mesmo clube que seus primos e amigos mais chegados frequentavam, Luciano era um menino simples, comum, que vinha de uma casa povoada (mais quatro irmãos se seguiram a seu nascimento), onde despertara, com certeza, sua inata vocação por música.

Aprendeu a ler com a Irmã Rita, no colégio S. José. Brasileira, diferente das religiosas francesas, quase sempre meio fingidas, teatrais, Irmã Rita punha-o no colo, tanta era sua ternura pelos alunos. Depois de muitos banhos de cascata, passeios a cavalo, corridas no campinho, a tudo isso se somando o circo, a fita em série, a avô tocando piano, o bolo de vela, as mil coisas que encantam a infância, veio fazer o ginásio em Curitiba, interno no Seminário, nome de guerra do Internato do Ginásio Paranaense. Não se acostumou. Tinha saudades de casa. Isso foi em 32. Fábio, seu irmão, em carta aos pais, assim o descrevia no ano seguinte: "O Luciano este ano não chora mais. Nem com cara de choro fica" Meses

depois, voltando das férias de junho, Fábio acrescentava: "Viagem rápida. O Luciano, meio comovido. Logo que o trem saiu começou a chorar. Depois ficou alegre." Em 34, julho, na volta das férias, há uma notícia histórica nas cartas do irmão: "O que aconteceu com o Luciano, na chegada do trem, não foi nada. Apenas esfolou um pouco a perna. Quis descer do trem andando, com a mala e o violão. A mala enroscou no meio fio da plataforma e o violão quebrou."

Desde então, o violão passou à condição de seu companheiro inseparável. Tirante a mulher, filhos, netos, essa constatação constitui talvez o mais importante registro de sua vida. Pena que as restrições da época o tivessem impedido de estudar a teoria musical. Ele tinha ouvido incomum, capaz de captar os passinhos de um pardal no telhado. Era um dom da natureza. Além do ouvido privilegiado, a memória musical de um computador. Os primeiros acordes de uma valsinha brasileira davam-lhe condições imediatas de dizer o nome da música, sua letra, autores... Isso lhe valeu a amizade de gente boa: Silvío Caldas, Paulinho Nogueira, Turíbíio Santos, Sebastião e Maurício Tapajós, cujos autógrafos acham-se registrados em seu violão, que tocava com sentimento, beirando a perfeição. Dele ficaram algumas gravações em fita, destacando-se Abismo de Rosas. Não fazia distinção entre parceiros musicais, ainda que um deles suplantasse o outro em fama. Se Vadico, por exemplo, ficasse de lado, protestava. Quando o pianista Arthur Moreira Lima, no Guaira, anunciou a execução de uma música de Noel e Vadico, famosíssima, omitindo o segundo, Luciano foi ao camarim do artista, nem bem terminou o espetáculo, dizendo-lhe que aquele procedimento inqualificável não podia passar em brancas nuvens. O pianista pediu-lhe desculpas pelo esquecimento. Entre seus amigos, na área musical, destacam-se Alceu Schwab, com quem trocava figurinhas todas

as semanas, e o jornalista Aramis Millarch, que sempre lhe telefonava à procura de informações.

Casou-se por amor com a prima Verã Victoria, filha do farmacêutico Guilherme Lacerda Braga. O noivado aconteceu em 22 de dezembro de 41, quando ela ainda morava na Lapa. No ano seguinte, Guilherme Braga transferiu sua farmácia para Ponta Grossa, onde o noivado continuou até a formatura de Luciano, em dezembro de 42, varando ainda todo o ano seguinte. A data escolhida para o casamento (16 de fevereiro de 44) caiu numa quarta-feira.

Antes de dar curso às núpcias, nominando seus frutos, convém rememorar a vida escolar de Luciano. Concluído o ginásio, livre do detestável internato, matriculou-se no Ginásio Paranaense, depois Colégio Estadual do Paraná, cumprindo dois anos de Pré-Universitário, que lhe deram o direito à matrícula, precedida de vestibular, na Faculdade de Odontologia. Quites com o serviço militar, transferiu-se para o Rio, formando-se cirurgião-dentista pela Faculdade Nacional de Odontologia. Cabia-lhe abrir um consultório e captar clientes.

Apaixonados, Vera e Luciano não agüentavam esperar. Do Engenho Sto. Antônio, onde funcionava a firma sucessora de seu pai, sendo dela componentes dona Cecília e seus filhos João e José (Nenê), veio a solução. João decidira deixar a sociedade, dedicando-se à indústria de compensados, e sua vaga permitiu a entrada de Luciano na sociedade, cuja prosperidade se manteve firme por quase dez anos.

Os noivos passaram a morar na Lapa, na propriedade de Guilherme Braga (uma casa ampla, rodeada de janelas), da qual mais tarde se tornariam donos. Entre 45 e 62 vieram os oito filhos (cinco homens e três mulheres), nascidos na Lapa: Luciano Filho (1945), Marcelo (1946), Vera Maria (1949), Nina (1951) e Manoel José (1954), sendo curitibanos Guilherme (1956), Bernardo (1960) e Isabel (1962).

As atividades de Luciano, na Lapa, podem ser tidas como diversificadas. Sócio-gerente do Engenho, ainda encontrou tempo e disposição para exercer a vereança pelo Partido Republicano (o mais votado em sua agremiação), caracterizando seu exercício pela assiduidade e espírito público, já que retribuição alguma recebia. A Delegacia de Polícia, que lhe valeu muito trabalho e grande preocupação de espírito, resultou de uma convocação que lhe fez Bento Munhoz da Rocha, então governador, disposto a acabar com os "agradados" com que os bicheiros cercavam os então xerifes, em troca de sua tolerância diante da contravenção. O jogo do bicho não acabou, é verdade, mas diminuiu bastante, quase se extinguindo, tal o receio que os bicheiros tinham daquele delegado incorruptível.

Em janeiro de 55, ou pouco antes, fundiram-se as firmas José Lacerda, David Carneiro e Fontana, surgindo em Curitiba a sociedade Moinhos Unidos Brasil-Mate. Luciano e Nenê deviam esclarecer entre si qual deles se mudaria para Curitiba, cabendo ao restante a gerência da filial da Lapa. Meio na base do par ou ímpar (ambos indecisos, com medo de trocar de "barraca"), coube ao segundo a opção por Curitiba, a fim de integrar a diretoria de Moinhos Unidos. Luciano ainda ficou uns tempos na Lapa, chamado depois para a administração da empresa por convocação de Ildefonso Fontana.

Mais tarde, a convite de Ney Braga, de quem era amigo fiel, passou a compor o colegiado correspondente à Junta Comercial do Paraná. Totalizou três mandatos de quatro anos*, nos dois primeiros representando o Governo do Estado, e no último, entre 82 e 86, o ministério da Indústria e Comércio. Então de volta ao governo, Ney designou-o presidente da Junta, comissão que exerceu com proficiência de 81 a 83, até o fim do mandato do vice Hosken de Novaes. Durante a governança de José Richa, transferida nos últimos meses a João

*Entre 1974 e 1986.

Elísio, seu vice, nunca escondeu a condição de adversário do governo. Isso desagradou ao vice João Elísio, um primário em política, que torpedeou a indicação de Luciano pelo ministro da Indústria e Comércio, e teve ainda a "coragem" de nomear o próprio pai como representante do Governo do Estado na Junta Comercial...

Instalado na Lapa o Museu da Casa Lacerda (11 de abril de 86), Luciano para lá fez retornar (recuperada, em perfeitas condições de funcionamento) a velha vitrola de sua meninice, adquirida por seu pai em dezembro de 1928. Ele operou a doação ao museu de sua coleção de discos 78, nela incluindo a primeira chapa de ebonite gravada no Brasil, anterior ao apregoado Pelo Telefone. Tal coleção, se não é a maior em volume, credencia-se entre as melhores do País pela sensibilidade e bom gosto.

Como que adivinhando que morreria em 13 de abril de 87, um ano e dois dias depois da festiva inauguração da Casa Lacerda, ele ali instalou a apreciada e valiosa mostra do Disco 78. A alcova do meio serviu de "sede" dessa louvável iniciativa. Um retrato seu, no mesmo plano do poster que homenageia Pixinguinha, depois foi pendurado, até quando Deus quisesse, na alva parede que dá para a sala de visitas. A pedido de Vera, sua mulher, que vai chorar sua falta até morrer, o corpo de Luciano, passou pela velha casa que o viu nascer.

Só pelo prazer de servir, ele dava amparo a pessoas humildes e necessitadas. Tal ajuda nunca teve caráter de esmola e, quanto ao gesto em si, para que ninguém soubesse, praticava-o em silêncio.

A esse respeito, dois fatos precisam ser registrados. Um deles envolve Alice Carneiro, moça de Ponta Grossa, preta, que aprendeu a cozinhar com a irmã mais velha de Lucia

no, Zoê, de quem foi empregada, prestando serviços, mais tarde, à casa de Luciano e Vera, afeiçoando-se a todos. Depois diarista, também vinculada a uma escola estadual, Alice trouxe as irmãs de Ponta Grossa. Resolveu alugar uma casinha em Curitiba. Faltava-lhe um casal que se dispusesse à fiança. Luciano achou-a merecedora de confiança. Meses depois, com o contrato de locação ainda em vigor, ela teve pela frente uma excelente chance de adquirir uma kitchenette mediante financiamento. A Imobiliária exigia o pagamento da multa contratual. Luciano pagou a multa de seu bolso, quieto. A gratidão de Alice à sua memória não tem tamanho.

O outro fato envolve Perereca, tipo folclórico da Lapa, que tem esse apelido por ser muito agitado. Perereca morou alguns anos numa chácara do Alto da Lapa, vizinha da chácara de Luciano. Os proprietários foram mudando, mas o caseiro permanecia. O terceiro ou quarto proprietário pretendia tirar Perereca dali, evitando que ele requeresse um usucapião. O caseiro prometeu que saía, mas não desejava ficar na rua. Por sugestão de Luciano, o dono se comprometeu a escriturar um lotinho ao caseiro, no interior do caminho do Monge. Depois que Perereca cumpriu sua parte, o outro quis ganhar tempo. Luciano não deixou. Tamanha foi sua cobrança que o homem não resistiu.

Na emergência, logo que faleceu, Luciano foi sepultado com os pais, à espera de que se completasse seu túmulo definitivo, na mesma rua, para onde os filhos o transferiram meses depois. Perereca não sabia disso. No Dia de Finados, um irmão de Luciano deu com o hominho defronte da primeira sepultura, rezando pela alma de seu vizinho e grande amigo. O irmão de Luciano disse a Perereca: "O túmulo dele não é mais aqui..." Não lhe permitindo concluir, Perereca perguntou: "Levaram ele pra Curitiba?" O irmão de Luciano

retrucou: "Não seja burro, Perereca. Você não me deixa terminar!" Explicou como pôde o lugar da outra sepultura, apontando para um túmulo branco, à sua direita, pouco adiante. Antes de se despedir, Perereca arrancou do canteiro central o ramalhete que trouxera de casa. Eram três flores do campo, branquinhas, envolvidas em papel plissado, formando um leque mirim, com certeza o buquê mais nanico e curtinho do mundo. Com o ramalhete na mão direita, marcadas suas pontas da terra preta onde havia sido enfiado por engano, Perereca foi continuar sua reza no outro lugar... (FBL, 1991, 12 de setembro)

por / FRANCISCO BRITO DE LACERDA



Câmara Municipal da Lapa
Estado do Paraná

CÂMARA MUNICIPAL
LAPA - PR
FLS. Nº 11

COMISSÃO DE LEGISLAÇÃO, JUSTIÇA E REDAÇÃO

ANTE-PROJETO DE LEI Nº 15/91

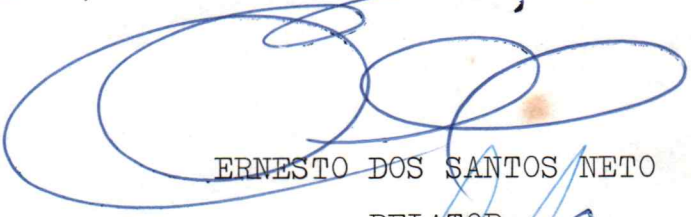
Vereador: César A. Leoni

PARECER

O presente projeto que hoje trêmita por esta Comissão tem por finalidade denominar de Luciano Lacerda uma de nossas vias públicas.

Sabe a comissão que projeto de tal natureza é atribuição do vereador municipal, portanto, nos manifestamos favoravelmente pelo presente projeto.

CÂMARA MUNICIPAL DA LAPA, EM 18 de novembro de 1991


ERNESTO DOS SANTOS NETO
RELATOR


IVO CABRINI
MEMBRO